

DOSSIÊ

O 25 DE ABRIL DE 1974 E AS RELAÇÕES LUSO-ITALIANAS

Passados 40 anos sobre o 25 de Abril de 1974, a revista Estudos Italianos em Portugal dedica o seu dossiê temático às relações entre as duas culturas no contexto da revolta organizada pelo Movimento das Forças Armadas. Na verdade, se a Itália foi um dos países que com mais atenção e entusiasmo acompanhou o pulsar de uma população que se libertava de meio século de ditadura, Portugal reviveu nesse interesse o reforço de relações desde sempre muito estreitas.

Uma extraordinária coincidência faz com que no calendário de ambos os Estados o dia 25 de Abril assinale uma memória comum. Na manhã de 25 de Abril de 1945, as forças resistentes ao fascismo e à ocupação alemã proclamavam a libertação de Itália. 29 anos depois, na madrugada de um outro 25 de Abril, era difundido o primeiro comunicado anunciando que o Movimento das Forças Armadas derrubara a ditadura.

A ideologia e a organização corporativa deste regime muito devem ao modelo fascista, e a política cultural de Mussolini investiu zelosamente nas relações com Portugal. A ligação entre os dois países remontava às origens da nacionalidade, com o casamento entre o primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques, e a filha do conde Amadeo III de Savoia. O relacionamento de forma alguma foi afectado pela diversidade dos regimes políticos que no pós-Guerra governaram cada um deles, apenas passando a ser equacionado sob uma nova perspectiva.

Portugal estava bem posicionado no Tratado da Aliança Atlântica e a Inglaterra era o seu ancestral aliado histórico, o que tinha grande interesse para uma Itália saída da Guerra e à procura de reconhecimento internacional. Além disso, a presença colonial africana oferecia-se como plataforma com vantagens económicas mútuas. Contudo, na década de 1960 as tensões começaram a aflorar em campo diplomático, ao mesmo tempo que movimentos antifascistas e anticolonialistas organizavam, nas principais cidades italianas, acções de informação e manifestações de apoio à resistência portuguesa.

A Itália recebera muitos refugiados políticos, embora a sua geografia não fosse a mais favorável para o direccionamento do fluxo dos exilados. Funcionou, porém, como um elo importante na comunicação com as democracias da Europa Central, com o Leste, sendo a escala de voo habitual, e com a América do Sul. Quando no dia 1 de Julho de 1970 o papa Paulo VI recebeu no Vaticano os representantes dos principais movimentos de libertação africanos, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Marcelino dos Santos, percebeu-se claramente que a derrocada do regime estava iminente.

4 anos depois, deu-se a chamada rivoluzione in diretta, uma formulação que traduz muito bem a especificidade da recepção do 25 de Abril em Itália. Os operacionais de comunicações do exército deram um contributo fundamental ao bom êxito da acção militar e as estações de rádio difundiram as senhas e, cerca das 4 horas da madrugada, o primeiro comunicado das Forças Armadas. Os meios de comunicação italianos deram-lhe destaque imediato em espaço nobre, enquanto um batalhão de repórteres rumava para Lisboa. Mas a diretta não foi só a dos jornalistas, como também a de uma multidão mais ou menos anónima que veio até Portugal para nela participar na primeira pessoa. A diferença de outros golpes de estado que num passado recente tinham abalado o mundo, a Rivoluzione dei garofani estava ali, qual vivência à espera de todos. Italianos e italianas intuíram-no desde o primeiro momento.

A uns, interessava ver como se derrubava uma ditadura sem derramamento de sangue e como depois de 13 anos de guerra colonial se fazia a transição para um regime democrático; a outros, como funcionava a implantação de estratégias políticas de esquerda ou de direita e quais as possibilidades de entendimento; a outros ainda, como se punha em prática o programa dos 3D, Descolonizar, Democratizar, Desenvolver.

Vários autores proibidos pela censura encontraram em Itália, antes de 1974, editores e tradutores. Mas a recuperação da liberdade de viajar livremente para o estrangeiro levou então muitos portugueses e portuguesas até Itália, além do mais no objectivo de mostrarem a nova face do país e as mudanças entretanto processadas, e de planificar novas formas de colaboração. Aliás, à viagem a Itália, numa perspectiva alargada, será dedicado o próximo dossiê de Estudos Italianos em Portugal.

Este dossiê reúne contributos no âmbito da história, da arquitectura, das ciências políticas, do jornalismo, da música, do teatro e da literatura. Para além da revisitação do passado, propõe-se como projecção de um futuro e necessária reflexão acerca das relações culturais entre dois países tão próximos, 40 anos depois de Abril de 1974.

Rita Marnoto